

O homem, esse estranho ímpar

Se o homem é um produto da evolução biológica, ele é também um produto da evolução cultural. Ele vem interagindo ao longo de milhares de anos com o mundo ao seu redor, com os seus semelhantes e consigo mesmo. Com sua inteligência e criatividade, o homem está construindo um mundo absolutamente singular, mas superestimando a sua capacidade de solucionar problemas

Por Wilson Luiz Sanvito

Um cientista vivia preocupado com os problemas do mundo e estava decidido a encontrar meios para minorá-los. Passava dias em seu laboratório em busca de respostas para suas dúvidas.

Certo dia, seu filho de sete anos invadiu o seu santuário em busca de lazer e distração. O cientista, nervoso pela interrupção, tentou convencer o filho a ir brincar em outro lugar. Percebendo que seria impossível demovê-lo, o pai procurou algo que pudesse distraí-lo. De repente deparou-se com uma revista e encontrou numa página, muito colorida, o mapa do mundo. Isto servia para os seus propósitos. Com o auxílio de uma tesoura recortou o mapa em vários pedaços e, junto com um rolo de fita adesiva, entregou ao filho dizendo: "Você gosta de quebra-cabeças? Pois vou lhe dar o mundo para consertar. Aqui está o mundo quebrado. Veja se consegue consertá-lo bem direitinho! Faça tudo sozinho."

Isto posto, calculou que a criança levaria dias para recompor o mapa. Algumas horas depois ouviu a voz do filho que o chamava calmamente: "Pai, pai, já fiz tudo. Consegui fazer o que o senhor me pediu."

A princípio o pai não deu crédito às palavras do filho. Seria impossível na sua idade recompor um mapa que jamais havia visto. Relutante, o cientista levantou os olhos de suas anotações, certo de que veria o trabalho próprio de uma criança. Mas, para sua surpresa, o mapa estava completo. Todos os pedaços haviam sido colocados nos devidos lugares. Como foi possível?

- Você não conhece o mundo meu filho, como conseguiu?

- Pai eu não conheço o mundo, mas quando você tirou a página da revista para recortar, eu vi que do outro lado havia a figura de um homem. Quando você me deu o mundo para consertar, eu tentei mas não consegui. Foi aí que me lembrei do homem, virei os recortes e comecei a consertar o homem que eu sei como é. Quando finalmente consegui consertar o homem, virei a folha e vi que havia consertado o mundo.

Esta historietinha, plena de ensinamentos, serve aos propósitos deste artigo.

No mundo moderno começa a idolatria da técnica e o homem coloca a máquina no seu lugar. É o mundo tecnocêntrico

O que é o homem? O homem tem sido definido e redefinido em muitas oportunidades. Como, por exemplo, nesta definição de Jean Bernard: "O homem é o único animal que vive do equador até o pólo, cuja mulher se pinta e que se lembra do seu avô". Mas, afinal, o que é o homem e para onde ele caminha?

O homem é um produto da evolução. A vida teve origem no fundo dos mares, com os seres microscópicos, e, quando a lesma começou a arrastar a barriga pelo solo, estava assegurada a existência do homem. Depois, foi só o macaco descer da árvore e assumir a postura vertical e, pronto, era o Homo erectus. Este é o resumo da ópera - o resto vocês sabem.

Mas se o homem é um produto da evolução biológica, ele é também um produto da evolução cultural. Ele vem interagindo ao longo de milhares de anos com o mundo ao seu redor, com os seus semelhantes e consigo mesmo. É um ser complexo, que tem que lidar com três instâncias no mundo.

Como o homem lida com o mundo? Nesta primeira instância temos o Umwelt, cujo significado literal é "o mundo ao redor"; é o aspecto biofísico do mundo. Na Grécia Antiga, a visão do mundo era geocêntrica e o homem fazia parte da natureza (Physis). Hoje invertiu-se a relação: o homem não pertence à natureza, é a natureza que pertence ao homem. Na Idade Média, a visão do homem era teocêntrica e o homem de simples espectador da natureza passou a ser uma criatura de Deus.

Com o advento do Renascimento, o homem desperta, e de simples criatura passa a criador (ou, pelo menos, parceiro da criação). Ele adota o postulado do sofista grego Protágoras: "O homem é a medida de todas as coisas." Isto parece que acendeu na cabeça do homem a sua condição de umbigo do mundo. É o mundo antropocêntrico. O homem se considera a obra-prima da natureza e se coloca no lugar de Deus. No mundo moderno começa a idolatria da técnica e o homem coloca a máquina no seu lugar. É o mundo tecnocêntrico. Vivemos numa sociedade tecnológica e o Homo faber, que manipulava utensílios numa sociedade artesanal, passou a manipular máquina numa sociedade industrial e manipula, cada vez mais, signos numa sociedade informatizada. É cada vez mais sapiens.

Estamos caminhando celeremente para a civilização da megamáquina, com engenhos balizando, de modo cres-

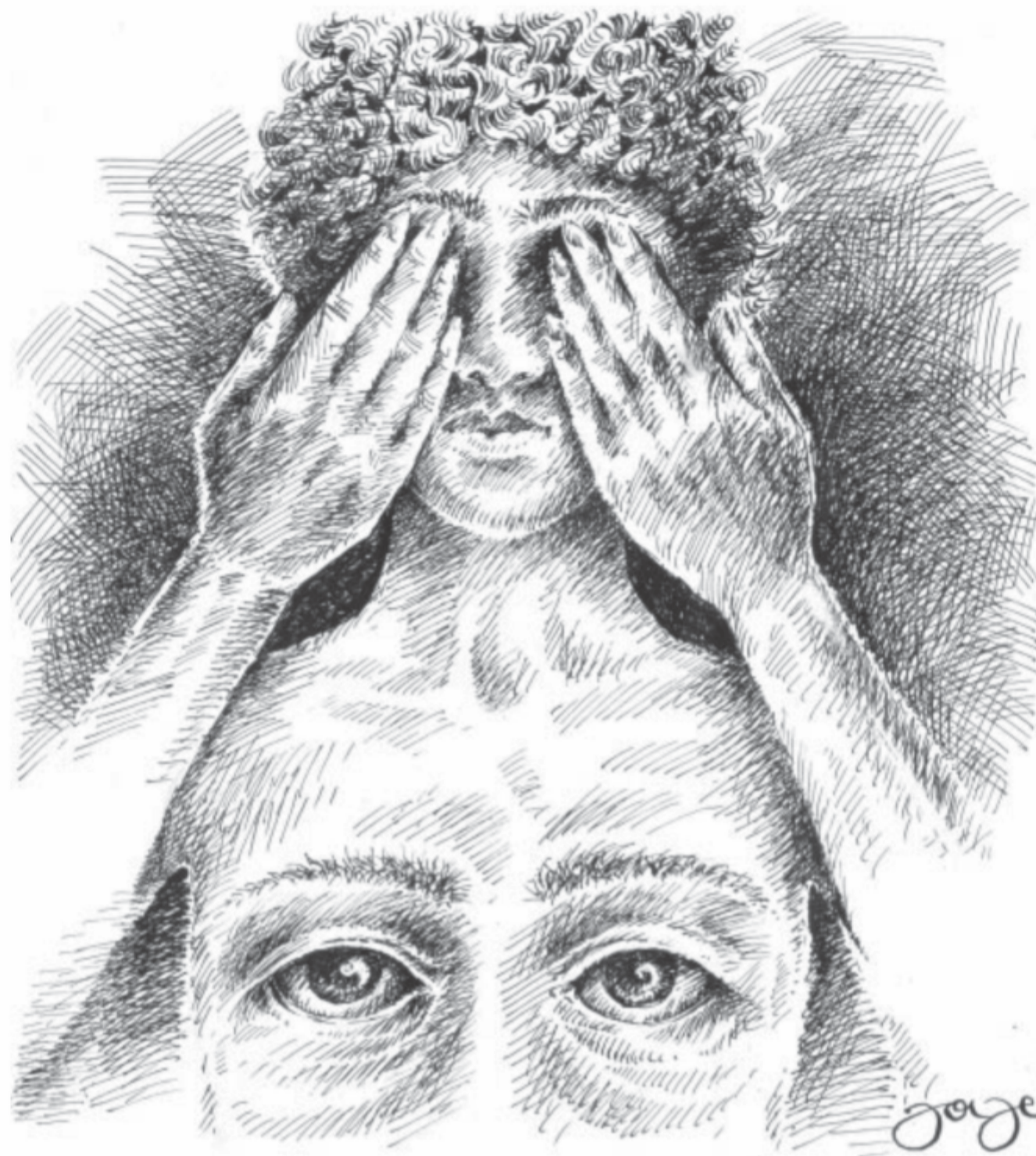


Ilustração de Jorge Arbach (forash@uol.com.br)

cente, todos os nossos atos, de tal sorte que somos hoje tecnodependentes. Estamos submetidos a uma espécie de totalitarismo tecnológico. O homem sonha com a computopia, uma espécie de sociedade virtual, cujos desdobramentos e conseqüências são inimagináveis. O mais correto é dizer que o homem é, cada vez mais, sapiens/demens. E esta utopia moderna começa a se materializar e dá início a uma relação abismal entre o sapiens (racional, lógico, eficiente) e o demens (sonhador, apaixonado, lúdico).

O homem é para o homem o ser supremo, como referiu certa vez Karl Marx. Com sua inteligência e criatividade, o homem está construindo um mundo absolutamente singular, porém superestimando a sua capacidade de solucionar problemas: sempre que ele soluciona um, cria pelo menos dez na frente. Diz-se até que o homem não vive cem anos, mas cria para preocupações para mil. Embora o homem seja a obra-prima da criação, ele é de risco para a própria espécie. Parece que Deus criou o mundo; o homem, o submundo. Enquanto o projeto "homem" não der certo, não seria melhor chamá-lo de Homo insapiens?

Como o homem lida com os seus semelhantes? Em seguida vamos encontrar o Mitwelt, que significa "com o mundo"; nesta instância, o homem lida com os seus semelhantes - é o aspecto sociocultural do mundo. Aqui importa saber como ele vive, como se relaciona com os seus semelhantes, quais são suas crenças, divertimentos, projetos...

Nas grandes sociedades modernas as pessoas vivem sob o regime do anonimato, isto é, coexistem mas não convivem. Na civilização de massa, a massa oprime a pessoa; são seres indiferenciados, que literalmente se empilham uns sobre os outros, e que nunca estiveram tão longe uns dos outros. A incompetência do homem para amar seu semelhante é visceral e ele precisa se violentar para viver em sociedade.

O homem primitivo é, agindo a maior parte do tempo sem bloqueios e, portanto, de modo natural.

Já o homem civilizado precisa exorcizar, a maior parte do tempo, os demônios que traz dentro de si. Quase sempre a sua instância instintivo-emocional se choca com a realidade social. Embora o fator sociocultural vise proporcionar ao homem normas para a convivência na comunidade, não deixa de ser paradoxal que nas sociedades mais evoluídas esse objetivo não tenha sido plenamente alcançado. A cultura pode, quando muito, conferir ao homem aquela polidez formal. Quando, porém, arranhada esta camada superficial, embaixo vamos identificar o ser insensível e egocêntrico. Este indivíduo civilizado apenas tenta desempenhar o papel de um ser social. E (ele) geralmente é mau ator. Ele é capaz de amar a humanidade e incapaz de amar o próximo. Evolução sociocultural nem sempre significa amadurecimento espiritual. Com muito acerto diz o nosso humorista L. F. Veríssimo: "O homem é o único animal que passa por outro e finge que não vê."

O mundo foi dessacralizado, mas a ciência jamais conseguiu desencantar totalmente nosso mundo

A partir do momento em que os homens se fixam na terra (abandonam o nomadismo dos primeiros tempos), desenvolvem a agricultura e se associam em comunidades organizadas, estava criado o embrião do Estado e assim nasceu o Homo politicus. O Estado é uma relação de homens dominando homens e alguém já disse que todas as artes produziram maravilhas, apenas a arte de governar só produziu monstros. Maquiavel já afirmava que os homens (a serviço do Estado) são maus, e que a ex-

teriorização de sua maldade é apenas uma questão de oportunidade. O que significa que apenas a camisa-de-força das leis pode impedir o homem de jogar água fora da bacia.

Nos séculos 19 e 20 houve uma tentativa de desencantamento do mundo (então mágico-religioso-mítico) por meio da implantação da racionalidade científica. O mundo foi dessacralizado, mas a ciência jamais conseguiu desencantar totalmente nosso mundo. Houve também uma proliferação de "ismos" (positivismo, nazismo, fascismo, comunismo, capitalismo, estruturalismo...), o que provocou grandes estragos no mundo (alguns ainda provocam). Com a derrocada do nazifascismo e do comunismo, o homem crente (militante de seitas políticas, religiosas, filosóficas...) começa a substituir os ícones fascistas e comunistas pelo ocultismo, esoterismo, orientalismo... É o reencantamento do mundo. Depois da frustração dos ismos utópicos, a humanidade corre atrás do misterioso e sobrenatural. É preciso exorcizar também esses ismos.

Com a fixação do homem na terra (propriedade privada) e a criação do Estado (sociedade de classes) estava pronto o cenário para as primeiras guerras da história e, assim, nasceu o Homo terribilis. É claro que desde as hordas primitivas (e posteriormente nos clãs e nas sociedades tribais) o homem mata intra-espécie; entretanto, o homem das cavernas matava seus semelhantes com um tapace, enquanto o homem moderno utiliza armas sofisticadas (metralhadoras, bombas, mísseis, gases venenosos...) com efeitos devastadores e em conflitos absolutamente injustificáveis. Voltando a Veríssimo: "O homem não é o único animal que mata seu semelhante, mas é o único que vende a pele."

O homem desenvolveu o prazer e assim nasceu o homo ludens. O homem, além de faber/sapiens, é também ludens no sentido de cultivar o jogo, o prazer, a brincadeira. A vertente lúdica faz

parte da natureza humana. A criança de algumas semanas de idade já esboça um sorriso e o feto já busca o prazer no interior do útero. Entretanto, mesmo no aspecto lúdico o homem apresenta perversões: são as torcidas violentas no futebol, as lutas de boxe, as corridas de touro... Parece que o homem transforma tudo numa guerra, na qual deve haver vencedores e perdedores. O filósofo Heráclito uma vez disse: "O homem está mais próximo de si mesmo quando atinge a seriedade de uma criança brincando." É pena que ele perca a inocência na idade adulta!

Como o homem lida consigo mesmo? Finalmente, na terceira instância vamos encontrar o Eigenwelt, que significa "o mundo próprio" ou do relacionamento consigo mesmo; é o aspecto biopsicológico do mundo. É claro que o ser na sua inteireza depende da integração dessas várias instâncias, que não é pacífica mas comporta convergências/divergências, harmonias/conflitos, certezas/dúvidas e assim por diante.

Apesar de bem informado sobre o mundo exterior, o homem continua a desconhecer o seu próprio ser. Na realidade, o homem inventou os mais espantosos meios de comunicação e freqüentemente vive encapsulado. Muitos não conseguem administrar os problemas imediatos colocados pelo mundo. O homem moderno vive no dia-a-dia a utopia do seu bem-estar material, negligenciando o cultivo do espírito. Cada vez é maior o descompasso entre o progresso material e o atraso espiritual. A irrealização dos desejos materiais gera no ser uma frustração, uma espécie de sentimento de perda do mundo.

O homem é um ser ímpar, ele foi editado num único exemplar e não tem segunda edição. Embora cada homem seja um ser ímpar, ele só existe em função dos demais. No conceito buberiano, o homem torna-se um "eu" na medida em que se relaciona com um "tu". É o mundo da intersubjetividade, em que o homem psicossociocultural compartilha com os demais as suas próprias experiências e emoções. Entretanto, esta relação com os semelhantes nem sempre é pacífica: se viver é difícil, conviver é o diabo. Quando falhamos em nosso relacionamento intra-espécie, há um sentimento de perda do outro.

Se o homem é um gigante do ponto de vista intelectual, ele é um pigmeu do ponto de vista emocional

Reinhold Niebuhr captou bem o nosso drama existencial: "O homem é o ser mais perturbante e problemático, ele é um problema para si mesmo." O homem tem que viver/conviver com suas contradições, conflitos e outras vivências que ele vai incorporando durante a vida. Além do mais, o modo de vida no mundo moderno acarreta um empobrecimento da vida interior do ser. E quando malogramos diante do nosso próprio ser, há um sentimento de perda do eu.

Neste final de século, um comportamento ético do homem vem sendo exigido pela sociedade. Ética na política, nos negócios, nos meios de comunicação e, na era da domesticação do átomo, do gene e do neurônio, ética também na ciência. Contudo, o homem, armado de conceitos, da ciência e da técnica, considera-se uma espécie de demiurgo que sobre tudo pode legislar, até sobre a natureza. O biólogo francês Jean Henri Fabre, no princípio do século, já alertava: "L'homme succombera tué par l'excès de ce qu'il appelle la civilisation." E o seu compatriota, Lévi-Strauss, no livro *Tristes Tropiques*, sentenciou: "O mundo comoção sem o homem e terminará sem ele."

Todos nós temos que lidar com os problemas que o mundo nos coloca nas três instâncias, ainda há pouco mencionadas, até o fim de nossos dias. E as saídas, aonde estão as saídas? Certamente eu não tenho o fio de Ariadne para conduzir o ser através desse labirinto. E muitos, ao não encontrarem um sentido para a vida, se desesperam ou descambam para a violência, para um fanatismo religioso ou para uma corrente ideológica extremada; outros, se entregam à apatia, ao hedonismo ou ao suicídio; e outros, ainda, recorrem aos psicoterapeutas. Fica comprovada a tese: se o homem é um gigante do ponto de vista intelectual, ele é um pigmeu do ponto de vista emocional. Já Sófocles, na *Antígona*, dizia: "Maravilhas há muitas, mas nenhuma tão estranha e terrível como o homem."

É possível aperfeiçoar a criatura? Conta-se que, quando Deus acabou de criar o homem, balançou a cabeça negativamente e exclamou: "Eu posso fazer coisa melhor!" E, no dia seguinte, criou a mulher. Na opinião de Nietzsche, a mulher foi o segundo erro da criação.

Wilson Luiz Sanvito é médico e professor universitário

defenda-se

O NOVO SITE DO JT QUE RESOLVE SEUS PROBLEMAS DE CIDADÃO E CONSUMIDOR

Como derrubar aquele corrupto?
Eles podem me cobrar esse imposto?
O que fazer neste fim de semana?

Como está a classificação do meu time?
Tem um buraco na sua rua?
A árvore de que você gosta está doente?

Vá para www.defenda-se.inf.br e resolva o seu problema